

EVOLUÇÃO TECTÔNICA POLIFÁSICA DO CINTURÃO GURUPI

Tavares, F. M.¹, Klein, E. L.¹, Souza-Gaia, S. M.¹, Lopes, E. C. S.¹

¹Serviço Geológico do Brasil – CPRM

RESUMO: Novos dados de campo aliados à interpretação aerogeofísica permitiram o reconhecimento de três famílias de estruturas superpostas no Cinturão Gurupi, com idades do Paleoproterozoico ao Neoproterozoico, de acordo com relações de corte e superposição. A primeira (D1) afeta unidades paleoproterozoicas, com descontinuidades curvilíneas e anastomosadas em mapa, direção média NW-SE e natureza dúctil. Em campo, trata-se de foliações associadas a lineações de estiramento *downdip* a oblíquas, ocasionalmente crenuladas e dobradas por uma segunda fase de deformação progressiva, gerando feições subparalelas e coaxiais às primeiras. A vergência das dobras D1 é de topo para NE. Medidas de foliação sin-D1 apresentam, em média, mergulho íngreme para SW. Eixos de dobras D1 possuem caimentos variados, majoritariamente para NW. D1 é relacionada a evento compressivo, com encurtamento na direção NE-SW. A segunda (D2), dúctil-rúptil e também restrita às unidades paleoproterozoicas, é representada em mapa por descontinuidades em X que deslocam as feições D1, com direções variando entre WNW-ESE e ENE-WSW. As estruturas WNW-ESE possuem cinemática aparente dextral e as ENE-WSW apresentam cinemática aparente sinistral, ambas com rejeitos pouco significativos. Em campo, D2 foi reconhecida como dobras, bandas de cisalhamento e como uma clivagem de crenulação em litotipos xistosos. Eixos de crenulação e dobras D2 têm direção WNW-ESE a E-W e caimento suave para E ou W, sugerindo vetor de encurtamento NNE-SSW a N-S. A terceira (D3), dúctil-rúptil, afeta unidades paleoproterozoicas e neoproterozoicas. Também possui padrão em X em mapa, porém na direção média N-S, variando entre NNW-SSE e NNE-SSW. O deslocamento de estruturas pretéritas é pouco expressivo, com movimento aparente ora dextral, ora sinistral. Também ocorrem estruturas D3 na direção NW-SE, com cinemática sinistral, associadas à reativação e redobramento de feições D1 na escala de mapa. Em campo, D3 é marcada por clivagens ardósianas em litotipos neoproterozoicos, assim como por crenulações espaçadas e dobras assimétricas com vergência para E em xistos de unidades paleoproterozoicas. Localmente ocorrem crenulações estardias e redobramentos suaves a apertados, coaxiais e progressivos em relação a D3. As foliações sin-D3 mergulham suave a moderadamente para W, em média, exceto em zonas de cisalhamento NW-SE, onde são subverticais. Já os eixos de dobras D3 possuem caimento suave para sul. Lineações de estiramento possuem certo espalhamento, porém apresentando concentração consistente de caimentos para W. D3 denota ambiente compressivo, com vetor de encurtamento na direção média E-W. A recorrência tectônica em certas estruturas é notável, como na Zona de Cisalhamento Tentugal, principal feição estrutural da área, gerada durante D1 como um empurrão oblíquo e retrabalhada durante D3 como uma transcorrência sinistral. D1 remete ao principal evento tectônico que estruturou o Cinturão Gurupi, durante sua fase colisional, sendo contemporânea à colocação de granitoides sincolisionais datados entre 2,10 e 2,08 Ga. D2 é um evento de deformação intracontinental, cronocorrelato a mineralizações de Au da região de Aurizona, no Cráton São Luís, datadas entre 1,95 e 1,98 Ga. Já D3 possui a mesma orientação regional e vetor de encurtamento reconhecidos na Faixa Araguaia, com evolução ao redor de 0,6 Ga, permitindo correlação com aquele orógeno.

PALAVRAS-CHAVE: CINTURÃO GURUPI, OROGÊNESE, SUPERPOSIÇÃO TECTÔNICA